

Criação e resistência: possibilidades para um processo criativo horizontal, por Amanda Cavalcante³²

Resumo: O ensaio pretende discutir sobre as possibilidades de modo de produção na criação teatral, tecendo a discussão de como o termo colaborativo vem sendo utilizado pelos coletivos teatrais nas duas últimas décadas, e como este mesmo termo vem sendo empregado pelo mundo empresarial no sistema toyotista de produção. Este texto procura refletir sobre como o grupo teatral II Trupe de Choque organiza seu modo de produção tanto na estruturação do coletivo quanto no processo criativo.

Palavras-chave: processo criativo, processo coletivo, processo colaborativo, toyotismo.

Abstract: The essay aims to discuss the possibilities of the production mode in theatrical creation, weaving a discussion of how the collaboration term is being used by theatrical collectives in past two decades, and how this same term has been employed in the business world in the toyotist production system. This text attempt to consider on how the theater group II Trupe de Choque organizes its mode of production, both in structuring the group and in the creative process.

Keywords: creative process, colective process, colaborative process, toyotismo.

O grupo teatral paulistano II Trupe de Choque foi formado há quatorze anos. A trajetória do coletivo pode ser dívida em cinco fases: a primeira é o momento de formação do grupo na universidade. A segunda inicia-se no projeto Anjos do Desespero, quando o grupo estende sua pesquisa artística à prática pedagógica chamada Teatro Peripatético³³ na Usina de Compostagem de lixo desativada em São Mateus. O projeto Corpos Acumulados caracteriza a terceira fase, em que o Teatro Peripatético reestrutura a formação do grupo, que passa a ser integrado por atores e não

³² Formada em Licenciatura Arte Teatro (2010) no Instituto de Artes da UNESP. Há três anos atua como arte-educadora do projeto Curumim, do SESC Santana. Desde 2007, integra o grupo teatral II Trupe de Choque como atriz e arte-educadora do Núcleo Peripatético de Pesquisa, que consiste em um amplo processo artístico-pedagógico empreendido pelo coletivo, que articula processos de criação e formação em diversas linguagens artísticas.

³³ A palavra peripatetikós indica a filosofia aristotélica (filosofia peripatética). Os discípulos de Aristóteles tinham mais do que lições de filosofia procuravam vivenciar o saber em um processo de discussão e aprendizagem em que o caminho se construía a partir dos passos dados. Por isso, eram chamados de peripatéticos; aqueles que ensinam caminhando. A II Trupe de Choque define sua ressignificação do conceito Peripatético: O que chamamos de “Teatro Peripatético” estimula o pensamento crítico e criativo em duas etapas, dialeticamente interligadas, Os Núcleos Peripatéticos de Pesquisa e a montagem de um espetáculo. Desse modo, percebemos que a proposta pedagógica do grupo procura romper a divisão entre teoria e prática, dando nova dimensão a questões filosóficas a partir do teatro.

atores, estreitando a relação entre criação artística e prática pedagógica que ocorre simultaneamente na Usina e no hospital psiquiátrico Pinel. A quarta fase é marcada pela experiência com o público, chamada *Detritos*, em ensaio que se inicia no projeto Material Tebas Eldorado 11 de Setembro e estende-se ao projeto Material Ciborgue/ Eldorado Silício 11 de Setembro. Por fim, a quinta e atual fase se dá no projeto Material Ciborgue Fantasma/ o Ornitorrinco da Revolução/ Planeta Favela 11/09/2012 (um conto maravilhoso de atrocidades) que tem por objetivo investigar a formação da subjetividade brasileira, já que o projeto trata da deformação do País, decidimos situá-lo no espaço, por excelência, de formação de sujeitos da sociedade ocidental, a escola, duas estaduais no bairro do Grajaú.

Desde sua formação, o grupo concebe o teatro não apenas como um espaço de experimentação estética, mas como um espaço capaz de unir a pesquisa da linguagem teatral à reflexão estética e crítica do capitalismo em seu estágio tardio de produção. Nessa perspectiva, partimos do conceito de Ernest Mandel, que define o capitalismo tardio como o atual terceiro estágio desse sistema, hegemonicamente batizado de globalização. Sucedendo os estágios do capitalismo de mercado e do monopolista ou imperialista, o capitalismo multinacional marca a apoteose do sistema e a expansão global da forma mercadoria, colonizando áreas tributárias de tal forma que não se pode mais falar de algum lugar “fora do sistema”, como a Natureza ou o Inconsciente, constantemente bombardeado pela mídia e pela propaganda (Cf. JAMESON, 2006).

Com a forma mercadoria atingindo seu ápice dominando todas as esferas da vida através de mecanismos subjetivos de controle do trabalho e social, pensamos que é preciso construir espaços de resistência contra este mundo perverso. Desse modo, a II Trupe de Choque busca fazer do seu espaço de trabalho um lugar capaz de quebrar com as relações sociais impostas pelo capitalismo e para isso se faz fundamental repensar o modo de produção do grupo.

De modo geral, os grupos escolhem formas democráticas de organização como o processo coletivo e o colaborativo. No processo coletivo as funções não são delimitadas e o artista exerce várias funções na construção do espetáculo; tudo é dividido: da concepção da luz a criação do figurino. Já no processo colaborativo as funções são definidas (ator, diretor, dramaturgo e outras), mas procura-se estabelecer uma relação horizontal, onde todos discutem sobre as decisões a serem tomadas. Sobre o processo colaborativo:

Entendemos por processo colaborativo o procedimento que integra a ação direta entre ator, diretor, dramaturgo e demais artistas. Essa ação propõe um esmaecimento das formas hierárquicas de organização teatral. Na maioria das vezes, conservam-se as funções e distribuições de tarefas [...]. No entanto, os parâmetros que delimitam tais campos tornam-se menos rígidos e a concretude de cada função apenas se realiza sob o viés da participação e da contribuição em cadeia (FISCHER, 2003: 39).

No entanto, falamos e adotamos o nome processo colaborativo para as nossas pesquisas artísticas sem nos darmos conta dos outros significados que estão contidos no termo. Vejamos outra descrição que aborda o colaborativo, mas agora no universo empresarial:

E no lugar do trabalhador especializado, operando uma única máquina, sob o olhar de um supervisor com um cronômetro, imagem clássica do modelo de Taylor, teremos no toyotismo um trabalhador que opera várias máquinas ou executa diferentes funções, às quais escapariam à gerência coordenar e, além disso, essa gerência ainda foi reduzida; as atividades podem ser feitas por equipes ou times de trabalho muitas vezes com rotatividade das competências (SILVA, S/A, S/P).

Observando a citação acima e comparando à anterior, uma série de questões podem ser apresentadas. Quais as semelhanças entre elas? Na primeira há uma indicação segundo a qual a concretude de cada função só se realiza por meio “[...] da participação e da contribuição em cadeia”. Já na seguinte há a indicação segundo a qual as atividades podem ser feitas por equipes ou times de trabalho muitas vezes com rotatividade das competências. O que isso quer dizer? Os dois trechos tratam do mesmo tema do modo de organização do trabalho, mas como é possível tal semelhança se um se refere à criação teatral e o outro ao modo toyotista de produção?

Na década de 1980 o termo colaborador passa a ser empregado para definir o trabalhador, em um sistema de cooptação dos operários para participação nos objetivos da empresa, resultando na extensão da jornada de trabalho e em um processo de pressão contínua, com a promessa de que haveria aí vantagens: o trabalho se tornaria mais criativo, haveria rotatividade das funções, participação dos lucros da empresa, no entanto por trás destas aparentes vantagens o que ocorre é a infeliz verdade que em um momento de crise o primeiro a ser dispensado será o trabalhador.

Levando em conta que o termo colaborativo tem origem num sistema perverso de exploração do capital, porque ainda assim continuamos a

nomear nossos processos criativos com tal nome? Pois a maioria dos grupos não baseia suas produções em práticas repressivas.

No projeto Material Ciborgue Fantasma O Ornitorrinco da Revolução/ Planeta Favela (um conto maravilhoso de atrocidades) 11/09/4012 apresentado a 23ª edição da Lei de Fomento ao Teatro define no item orçamento seu atual modo de produção:

A Trupe de Choque trabalha a partir de um modo socializado de produção, que chamamos de “matilha”. Todos participam de todas as decisões sobre o processo artístico e sobre a condução do grupo. No entanto, pelo fato do grupo contar com atores profissionais e não profissionais nem todos os integrantes comparece a todos os períodos de ensaio em que o grupo se reúne. Por isso, os rendimentos correspondentes a cachês são divididos igualmente, mas de acordo com o número de períodos de ensaio que os integrantes do grupo, independente de suas funções, podem comparecer. Àqueles participantes do processo que podem comparecer em um número pequeno de períodos de trabalho são destinados apenas o pagamento de ajudas de custo correspondente à verba de transporte e alimentação³⁴.

No que se refere às funções que os integrantes da II Trupe desenvolvem vale dizer que não estão restritas apenas ao âmbito da criação artística, mas estendem-se à produção do projeto como um todo. Ainda que exista a função produção, várias tarefas são distribuídas entre os integrantes, numa divisão por núcleos de trabalho como o núcleo financeiro, produção do espetáculo, assessoria de imprensa, produção da *Revista Negativo*, produção dos seminários Diálogos Negativos, relação com o espaço de residência artística. No entanto, como já afirmado todos ganham o mesmo cachê de acordo com a quantidade de períodos trabalhados.

A busca por um processo de criação horizontal em que todos os integrantes possam atuar e tomar partido fez com que o grupo desenvolvesse um procedimento de criação chamado jornada cênica:

A JORNADA CÊNICA é um exercício teatral criado pelo grupo que une a liberdade da improvisação, da abertura ao imprevisto, a uma elaboração que deve transformar uma idéia, um ponto de vista sobre uma cena do roteiro em cena, através da exploração de diversas

³⁴ II Trupe de Choque. Projeto Material Ciborgue Fantasma O Ornitorrinco da Revolução Planeta Favela 11/09/4012 (um conto maravilhoso de atrocidades). Disponível para consulta na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. São Paulo, 2013, p.110.

dramaturgias (cenário, figurino, vídeo, fotografia, música, ações, poesia, palavra etc). A JORNADA, ao contrário do workshop, por exemplo, não parte de um depoimento pessoal do ator, a partir de um universo que este conhece e quer expressar, mas parte sim de uma jornada ao desconhecido, de um AUTO-ANIQUILAMENTO do que o ator tem de mais precioso, transformando este destruído em material e exploração cênica³⁵.

O grupo é um organismo vivo em constante modificação que se transforma a cada processo de criação, inserção de novos integrantes, espaços de residência artística; no entanto, se faz fundamental estar em permanente processo de reflexão e discussão sobre o modo de produção do grupo. É preciso pensar como estão as relações entre atores e diretor. Se todos apresentam seus pontos de vista sobre o processo de criação. E mais, se todos os integrantes do grupo estão apropriados do discurso que o grupo pretende em sua peça. Penso que estas são, ainda, questões fundamentais para buscar um processo criativo horizontal.

As experiências como a do grupo Il Trupe de Choque nos faz pensar que é possível vislumbrar novas possibilidades de organização do modo de produção, buscando coerência entre o que se pretende dizer com o espetáculo e o modo como este é produzido, buscando espaços de resistência em tempos tão sombrios em que a forma mercadoria tudo faz para dominar até mesmo a nossa subjetividade.

³⁵ Il Trupe de Choque. Relatório de pesquisa do projeto Corpos Acumulados. Disponível para consulta na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. São Paulo, 2009, p. 89.

Referências bibliográficas:

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

II TRUPE DE CHOQUE. Relatório de pesquisa do projeto *Corpos Acumulados*. Disponível para consulta na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. São Paulo, 2009.

CHOQUE, II Trupe. Projeto Material Ciborgue Fantasma O Ornitorrinco da Revolução Planeta Favela 11/09/4012 (um conto maravilhoso de atrocidades). Disponível para consulta na secretária municipal de cultura de São Paulo. São Paulo, 2013.

FISCHER, Stela Regina. *Processo colaborativo: experiências de companhias teatrais brasileiras nos anos 90*. Dissertação (de mestrado) apresentada ao Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

JAMESON, Fredric. *Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2006.

MATOS, Ivan Delmanto Franklin de. *O labirinto miopia: o espetáculo teatral como planetário em ruínas*. Dissertação (de mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

SILVA, Rafael Alves. "Toyotismo e neoliberalismo: novas formas de controle para uma sociedade - empresa", in: *Vigilância, segurança e controle social na América Latina*. Curitiba. Fonte: <http://migre.me/qC3mr> (acessado em 25/01/2014).